

SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

PEDRO PAULO GOMES PEREIRA*

“Precisamos descobrir o Brasil”, disse Carlos Drumond de Andrade, em *Brejos das almas*. A assertiva indica a necessidade de termos o Brasil como projeto: não se trata de tarefa da qual possamos nos esquivar. Parece ser esta a nossa obsessão: indagarmo-nos insistentemente sobre quem somos. Pergunta que vem ocupando o centro de nosso pensamento intelectual, em seus diversos matizes. Mas como se estruturaram os discursos que buscam descobrir a nação? Quais os meios utilizados? Quais as configurações centrais dessas narrativas?

Foi no sentido de responder a essas e a outras questões que Custódia Selma Sena lançou *Interpretações dualistas do Brasil*. Fruto de aproximadamente uma década de pesquisas, o livro vem a ser uma importante contribuição àqueles que buscam “descobrir” o Brasil.

O objetivo do livro concentra-se em captar a dualidade como imagem, sentimento ou modelo explicativo nos textos produzidos pelos ensaístas, pelos cientistas sociais e pelos historiadores que se dedicaram a pensar o Brasil. O dualismo é uma configuração ideológica central na sociedade brasileira, “uma forma de experiência de brasilidade e penhor de nossa singularidade” (p.9). A autora procura se distanciar daquela visão que considera o dualismo um modelo explicativo datado, a ser superado pela ciência moderna. A definição de ideologia como conjunto de valores e idéias comuns –

Sena utiliza, criativamente, as definições de Dumont e Ricouer – conduz a busca de compreender como as sociedades organizam e classificam esses valores. Dessa maneira, afasta-se daquela pedante – e, geralmente, ineficaz – busca do falso e do inverossímil nos autores.

Depois da breve introdução, Sena apresenta três ensaios independentes. Cada um contém seqüência discursiva própria e pode ser lido separadamente. Entretanto, é nítida a relação entre eles. Todos constroem perspectivas diferentes sobre as interpretações dualistas do Brasil.

No primeiro capítulo, discorre-se sobre a tese dos dois brasis. A lembrança de Jacques Lambert, assinalada já no título não indica o desejo de inventariar somente as visões que apontam a divisão do Brasil moderno e arcaico. Na verdade, passando por diversos autores, dentro os quais Euclides da Cunha, Roger Bastide, Roberto DaMatta, Sérgio Buarque de Holanda (cito aleatoriamente), Sena salienta a dualidade como dado da sensibilidade brasileira, em diversas áreas do pensamento, como a geografia ou a economia. A dualidade, nos pensadores brasileiros, é tanto objeto de investigação quanto pressuposto metodológico. Destaca-se aqui a sutil análise sobre a obra de Dante Moreira Leite (p. 57-59). Momento especial para se contrapor ao caráter nacional brasileiro. O trabalho, afirma Sena, não se orienta em buscar o não-ideológico, o falso, o não-científico. O empreendimento deve ser o de compreender a(s) imagem(s) da nação que as narrativas constroem.

* Mestre e Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília. Pós-Doutorado pela Universidade de Barcelona, Espanha.

No segundo capítulo, a autora analisa o Brasil dos “ensaístas”. Sena soma-se aos que subvertem a idéia de que só as ciências sociais dispõem de discursos coerentes e verazes sobre o Brasil. O texto busca inventariar as formas como a nação foi construída nas narrativas dos ensaístas. Nessa parte, a abordagem detém-se mais pormenorizadamente na obra de Gilberto Freyre.

Por fim, no terceiro capítulo, Sena concentra-se em nossa “geografia imaginativa”. A região é uma tradição inventada, utilizada para pensar o Brasil. A construção de nossa identidade está ancorada num uso inventivo e criativo do espaço. O texto desnaturaliza o conceito de região, na medida em que direciona esforços para compreender a sua construção simbólica. Assim,

as paisagens culturais, os espaços morais, as imagens e os emblemas regionais, as crenças e valores locais são realidades simbólicas que transformam, especificando, o homem abstrato (universal/nacional) num homem de seu tempo e de seu lugar. (p. 135)

Essas largas pinceladas não fazem justiça à densidade dos argumentos do livro. O diálogo que se estabelece com autores como Antonio Candido, Roberto Schwarz, Roberto DaMatta, entre numerosos outros, é o ponto alto do livro. Fazendo dialogar as narrativas, constituindo-se em mais uma voz do diálogo, Sena contribui pelo menos em três pontos: a) a temática; b) o debate sobre a nação; c) o estilo.

O primeiro ponto, e mais geral, refere-se à importância do tema para o pensamento nacional. Sena desenvolveu e problematizou uma temática relevante e persistente entre nós.

O segundo ponto está na maneira de perceber as narrativas. Fredrich Jameson vem afirmando em seus livros que a alegoria nacional é a forma principal – ou exclusiva – de narratividade do Terceiro Mundo. Críticas recentes, como as de Aijaz Ahmad, têm apontado o caráter homogeneizante da formulação de Jameson. Afinal, ele constrói um “Terceiro Mundo” como alteridade total, e a

enorme heterogeneidade de experiências parece estar subsumida numa experiência singular. Haveria uma única forma narrativa no Terceiro Mundo? E ela se constituiria em “alegorias nacionais”? O livro de Sena apimenta a discussão. Para ela, é inegável que os inventores do Brasil construíram alegorias da nação. Nesse sentido, ela concordaria com Jameson. No entanto, todo o seu livro, apesar de focalizar a nossa sensibilidade comum – a dualidade das interpretações do Brasil –, demonstra a fissuras, as contradições, as diferenças irreduzíveis das abordagens. As alegorias nacionais são construídas por diversas formas, por diversos meios, em diversas perspectivas. De José de Alencar, passando por Machado de Assis, por Mario de Andrade, a Guimarães Rosa; de Euclides, passando por Gilberto Freyre, por Sérgio Buarque, por Antonio Candido a Roberto DaMatta, existe uma profusão de imagens, figuras alegóricas. Essas imagens nem constroem um Brasil que se contraponha a um Terceiro Mundo – e o livro de Sena deixa isso bem claro –, nem edificam um só Brasil. Uma quantidade substancial de narrativas transforma as fraturas na própria matéria a ser trabalhada. A fratura constitui-se exatamente naquilo que é usado para definir o Brasil.

O último ponto refere-se ao estilo. Acompanhando a narrativa de Sena, o leitor poderá discordar da sua visão do dualismo ou da sua definição de ideologia. Poderá até não acreditar que o dualismo seja configuração ideológica central no Brasil. Mas se sentirá seduzido pela narrativa. Sena ensina-nos que escrever bem não é alguma coisa desnecessária, e que a forma de dizer não pode ser dissociada daquilo que é dito. *The way of saying is that saying*, vem nos ensinando Clifford Geertz. A simplicidade, as frases diretas e corretas indicam estilo conciso. O texto demonstra-nos que o estilo não é um dom natural. É um exercício de corte, de luta, de escolha, de suor. “O que é escrito sem esforço”, disse certa vez Samuel Johnson, “é geralmente lido sem prazer.” E a sensação de prazer se retém na memória quando finalizamos a leitura de Interpretações dualistas do Brasil.